

Cadernos Zygmunt Bauman

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, v. 8, n. 16, 2018

(Capa)



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

www.icgilbertoluizalves.com.br/

MEIO AMBIENTE NA POÉTICA DE JOSÉ CHAGAS

Gilberto Luiz Alves¹
José Ribamar Neres Costa²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal demonstrar que, embora pouco explorada pela crítica literária, a temática do meio ambiente é uma das mais recorrentes na obra literária do poeta paraibano José Chagas. Ao longo do texto, serão estudados fragmentos de livros como *Maré Memória* (1973), *Águas de Silêncio* (1987), *Tabuada de Memória* (1994), *De Lavra e de Palavra* (2002) e *Poema da Lagoa* (2004), nos quais há referência direta ou metafórica a temas que conduzam à discussão sobre aspectos dos estudos ambientais.

Palavras-Chave: Poesia Brasileira. Meio ambiente. Educação ambiental.

ABSTRACT: This paper has as main objective to demonstrate that, although little explored by the literary critic, the theme of the environment is one of the most recurrent in the literary work of the poet José Chagas. Throughout the text, fragments of books such as *Maré Memória* (1973), *Águas de Silêncio* (1987), *Tabuada de Memória* (1994), *De Lavra e de Palavra* (2002) and *Poema da Lagoa* (2004) will be studied, direct or metaphorical to themes that lead to the discussion on aspects of environmental studies.

Keywords: Brazilian poetry. Environment. environmental education

INTRODUÇÃO

Embora nem sempre seja divulgada, existe, ao longo da história do Brasil, uma longa tradição de intelectuais defendendo o meio ambiente. Autores como Coelho Neto e Monteiro Lobato ficaram célebres não apenas pela maestria de seus contos, romances e crônicas, mas também por colocarem seus talentos literários em prol da causa da preservação ambiental. Embora não tenha se dedicado inteiramente a essa temática, o poeta paraibano José Chagas também usou sua verve literária para denunciar os descasos do homem para com o meio ambiente e para tentar demonstrar que é preciso fazer algo a fim de que tanto a natureza quanto os bens culturais sejam preservados para as gerações futuras. Homem criado no campo, com toda uma vivência direta ou indiretamente ligada ao trato com a terra, o poeta levou para seus versos esse gosto por defender a natureza, o ser humano e os aspectos culturais que diferenciam o homem dos demais seres vivos. Isso pode ser visto em seus livros e chama a atenção pela imbricação das letras com o meio

¹ Doutor em Educação. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera-UNIDERP (MS). E-mail: gilbertoalves9@uol.com.br

² Mestre em Educação. Professor da Faculdade Pitágoras do Maranhão. Discente do Programa de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera-UNIDERP (MS). E-mail: josneres@globo.com

ambiente, o que, embora não constitua o cerne de sua obra, pode ser encontrado em diversos poemas de sua autoria. O objetivo deste artigo é demonstrar como assuntos relacionados com o meio ambiente aparecem na obra de José Chagas, analisando os textos selecionados à luz da análise de discurso, com ênfase na análise de conteúdo. O trabalho este dividido em três partes. Na primeira, é feito um levantamento sobre a relação da literatura com o meio ambiente. Logo a seguir, há um breve estudo sobre a vida, a obra e as principais características da poética chaguiana. Finalmente, são analisados alguns poemas e trechos de poema nos quais as temáticas ambientais são mais evidenciadas. Importante notar que os excertos aqui estudados são apenas uma amostra do que pode ser encontrado nos poemas de José Chagas com relação ao meio ambiente e que outros versos com a mesma temática podem ser encontrados em outros livros do mesmo autor.

LITERATURA E MEIO AMBIENTE

A preocupação com o meio ambiente deve ser algo que vá além de modismos. Ao longo do tempo, preservar a natureza, o ser humano e os aspectos culturais que permeiam a sociedade tem se tornado uma condição necessária para a própria existência do homem no planeta. Mesmo sendo os efeitos da ação humana sobre o ambiente conhecido há bastante tempo e já alertadas em estudos clássicos como os de Alexander Von Humboldt (1769-1859), Charles Darwin (1809-1882), Ernst Haeckel (1834-1919), Vladimir Vernadsky (1863-1945) e, principalmente no livro *Man and Nature*, de George Perkins Marsh (1801-1882), publicado em 1864 (ANGELINI e PIZZUTO, 2015), foi somente a partir da década de 70 do século XX que a relação do homem com o ambiente começou a ser tema de debates de cunho científico, conforme comentam Silva e Przybysz (2014, p. 8):

Finalmente, em 1972, após muitas discussões na primeira Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente, realizada em Estocolmo, surgiu a ideia que mais tarde seria a base dos futuros modelos econômicos e sustentabilidade.

Além da Conferência de Estocolmo, em 1972, outros eventos e documentos contribuíam para as interferências do ser humano no ambiente passassem a fazer parte do foco de discussão. Em 1982, aconteceu a Conferência de Nairóbi, na qual foi constatado o

pouco avanço nos debates sobre as questões ambientais no mundo. Uma década depois, em 1992, no Rio de Janeiro, aconteceu um dos mais significativos eventos sobre o assunto – a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – que ficou conhecida como Rio/92. A seguir, em 2002, em Johannesburgo, aconteceu a reunião da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, que renovou os compromissos ambientais e sociais firmados no evento anterior. Em 2012, novamente no Rio de Janeiro, foi realizada a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, que incorporou em sua pauta objetivos referentes também ao combate à pobreza no mundo.

Constatada a possibilidade de sérios danos à preservação da vida no planeta, diversos tratados e declarações internacionais voltadas para a valorização de uma educação ambiental que tivesse como ponto central de interesse a preservação do ambiente. Na Declaração de Tbilisi, documento elaborado em 1977, estabeleceu-se “a educação ambiental deve abranger pessoas de todas as idades e de todos os níveis, no âmbito de ensino formal e não formal” (SENADO FEDERAL, 2015, p. 14). Esse mesmo documento estabelece que a “educação ambiental deve constituir um ensino geral permanente, reagindo às mudanças que se produzem num mundo em rápida mudança (SENADO FEDERAL, 2015, p. 14).

Partindo dessa concepção de que a educação é um processo dinâmico e em constante evolução, foi redigido em 1992, um Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, que elimina a possibilidade de uma educação ambiental neutra, considerando-a como um ato de natureza política e ideológica, valorizando também as diversas formas de conhecimento e determinando que esse tipo de educação deve “tratar de questões globais críticas”, servindo também para “ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas formas de vida” (SENADO FEDERAL, 2015, p. 17-18). Esse documento vai além das questões ambientais e propõe uma relação mais estreita e harmônica entre os seres humanos e a natureza

Mesmo essas manifestações tendo surgido no início dos anos 70 do século XX, há pelo menos duas décadas esses assuntos já eram intensamente discutidos entre pessoas preocupadas com o destino da humanidade. Angelini e Pizzuto (2015) chamam a atenção para o fato de que nas décadas de 50 e 60 do século XX alguns ecologistas já advertiam tanto à população quanto aos governantes sobre o risco ocasionado pela explosão demográfica e a consequente deterioração do ambiente, contudo essas advertências foram

quase sempre tomadas com sendo fruto de atitudes de pessoas de pensamento extremista. Possivelmente pela falta de cientificidade e pelo momento adverso, esses alertas não foram levados em consideração, o que pode ter contribuído para aumentar o grau de degradação desenfreada pela qual passou e passa o planeta.

No Brasil, os discursos em defesa do ambiente já aparecem nas palavras de ícones da história nacional, como é o caso de José Bonifácio Andrada e Silva, que defendia a necessidade e uma exploração mais racional dos recursos naturais. PÁDUA (2002) contabiliza cerca de uma centena e meia de textos publicados no século XIX nos quais os autores já fazem referência explícita a problemas ambientais. Isso demonstra que embora na prática as atitudes sejam diferentes, pelo menos em teoria o Brasil tem uma tradição de no mínimo dois séculos de pensamento em defesa do meio ambiente. No entanto, como explicam Silva e Przybysz (2014, p. 67-68):

Foi somente a partir da década de 80 que o Brasil passou a adotar uma política voltada mais especificamente para o meio ambiente. o marco se deu com a edição da Lei n. 6.938, de 31 de agosto de 1981, a qual instituiu a Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA), que aborda de maneira sistêmica formas de assegurar a preservação e a recuperação da qualidade ambiental com o uso de instrumentos legais, técnicos, científicos, políticos e econômicos.

Em 1988, com a promulgação da Constituição Federal, a ideia da defesa do meio ambiente ganhou novo impulso, pois na Carta Magna do Brasil, todo o capítulo 225 era dedicação ao meio ambiente, com previsão de relacionamento deste com o processo de aprendizagem, trazendo como responsabilidade do poder público “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 2001, p. 125). Como forma de disseminar os estudos de educação ambiental nas escolas de ensino fundamental e médio, temas como saúde, ética, orientação sexual, pluralidade cultural e meio ambiente passaram a ser inseridos na categoria de temas transversais pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Para fazerem parte dessa categoria, os temas têm que satisfazer a alguns critérios que são: urgência social, abrangência nacional, possibilidade de ensino e aprendizagem nos estudos fundamentais e favorecer a compreensão da realidade e a participação social, conforme indica Brasil (1997). A inclusão do meio ambiente entre os temas transversais da educação brasileira se justifica por

Por tratarem de questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para abordá-los. Ao contrário, a problemática dos Temas Transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento. Por exemplo, a questão ambiental não é compreensível apenas a partir das contribuições da Geografia. Necessita de conhecimentos históricos, das Ciências Naturais, da Sociologia, da Demografia, da Economia, entre outros. Por outro lado, nas várias áreas do currículo escolar existem, implícita ou explicitamente, ensinamentos a respeito dos temas transversais, isto é, todas educam em relação a questões sociais por meio de suas concepções e dos valores que veiculam. No mesmo exemplo, ainda que a programação desenvolvida não se refira diretamente à questão ambiental e a escola não tenha nenhum trabalho nesse sentido, Geografia, História e Ciências Naturais sempre veiculam alguma concepção de ambiente e, nesse sentido, efetivam uma certa educação ambiental. (BRASIL, 1997, p. 27).

Embora a justificativa dada acima remeta apenas a disciplinas como Geografia, História, Ciências Naturais e Sociologia, é possível ampliar esse campo de atuação para outras áreas que não estejam contempladas na citação acima, como música pois, conforme explica Silva (2011, p. 19), “a Educação Ambiental pode ser trabalhada em diversos contextos e níveis de entendimento, pois não é uma disciplina isolada do contexto histórico e social”. Além da música, a educação ambiental pode também ser objeto de estudo das artes, já que, como ensina Alves (2014, p. 9), “mesmo sendo um registro fugaz dos acontecimentos humanos, a obra de arte deve ser encarada, sobretudo, como lampejo do processo histórico como um todo”, servindo como fonte de estudo da história de um povo e como ponto de partida tanto para o (re)conhecimento do percurso histórico como também meio de proteger e preservar recursos materiais e imateriais de uma determinada população.

No que tange à literatura, existem vários trabalhos que demonstram a possibilidade de utilizar-se textos literários como elemento motivador para a reflexão acerca da sustentabilidade e da preservação do meio ambiente. Leandro (2000) e Leandro (2002) comentam que é possível encontrar diversas referências ambientais na obra em prosa do prosador pré-modernista Coelho Neto. Em estudos bem próximos aos objetivos deste trabalho, Sousa e seus colaboradores (2015) elegeram os poemas do cientista alemão Fritz Müller como forma de discutir, além da história das ciências no Brasil, a relação da linguagem com os estudos ambientais, partindo para uma proposta de preservação do meio ambiente a partir do contato com a obra literária de um cientista que também foi

poeta. Da mesma forma, a obra do poeta popular sergipano João Batista Melo serviu como mote para Oliveira e Queirós (2013) estudarem o diálogo entre poesia e meio ambiente. Também Tavares (2010), em sua dissertação de mestrado, relaciona o mundo das letras para as crianças com as possibilidades de uma educação ambiental nos primeiros momentos da escolaridade infantil a partir do contato com obras literárias.

Continuando na mesma linha metodológica, Guerra e Jacomino (2012) mostram como uma oficina de criação e apreciação poética pode servir para despertar a consciência ambiental em jovens. Finalmente, Rodrigues e seus colaboradores (2014) utilizam poemas para demonstrar o caráter interdisciplinar dos estudos em educação ambiental. A literatura de cordel, que apresenta uma gama de temáticas, pode servir também para discutir conceitos e práticas relativas à educação voltada para a conservação e preservação do ambiente, conforme estudou Queirós (2012), sendo que esse gênero textual pode apresentar forte apelo por conta de suas características melódicas e articulação narrativa, atraindo leitores de diversas faixas etárias. Restringindo um pouco mais o público alvo, mas continuando com o foco na relação estreita entre literatura e meio ambiente, Patriarcha-Graciolli e Zanon (2017) em seu artigo elencam 12 artigos e duas dissertações de mestrado em que a educação ambiental tem como suporte obras voltadas para o público infantil, demonstrando que é possível a utilização de textos literários como fonte para discussão em sala de aula e sensibilização de estudantes para os problemas ambientais.

Com relação à poética de José Chagas, raramente a abordagem ecossistêmica na obra desse escritor é lembrada. Os críticos e estudiosos de sua obra geralmente dirigem seus esforços para estudar sua preocupação com o tempo (MACHADO, 1988), com a passagem do tempo (DUARTE, 2000) e com a cidade. Lima e Santos Neto (2006) estudam a vida e a obra do poeta e cronista paraibano, com incursões em diversas temáticas por ele abordada, com ênfase no tempo e nas relações sociais e humanas, sem, no entanto, se aterem às questões ambientais que aparecem nas obras como *MaréMemória* (1973), *Tabuada de Memória* (1994) e *Poema da Lagoa* (2004). De modo Geral, Machado (1988, p. 28) comenta que os temas básicos da obra chaguiana remete “ao uso impiedoso da auto-ironia compadecida com a reflexiva consciência de sua solidão física e moral, sua catártica sublimação a minimizar a contingência temporal”. Porém, mesmo aprofundando-se na obra de José Chagas, o ensaísta não remete às questões ecológicas na obra do poeta paraibano.

JOSÉ CHAGAS, POETA DE TEMAS MÚLTIPLOS.

José Francisco das Chagas é fruto do casamento entre o senhor Francisco Chagas Firmo e a senhora Ana Capitulina das Chagas. Nasceu no município paraibano de Santana do Garrote, em 29 de outubro de 1924, e faleceu em São Luís do Maranhão no dia 13 de maio de 2014, poucos meses antes de completar seu nonagésimo ano de vida. Ainda na juventude, José Chagas deixou sua terra natal e fixou residência no Maranhão, onde produziu grande parte de sua alentada obra que se divide entre textos em prosa e textos em verso, sendo considerado “um dos principais cronistas e poetas de São Luís” (MORAES, 2014, p. 108). Perfeitamente ajustado ao ambiente cultural maranhense, José Chagas fez amizades com nomes das mais altas esferas intelectuais da localidade, como Nauro Machado, Bandeira Tribuzi, Arlete Nogueira, Jomar Moraes e João Mohana, entre outros.

Essencialmente cronista e poeta, José Chagas, ao falecer em 2014, deixou para seus leitores cerca de quatro dezenas de livros nos quais discute temas dos mais diversos, como as relações humanas, o tempo, a decadência da cidade e os aspectos sociais que sufoca o homem moderno. Menos explorada, no entanto, é sua vertente que estuda as relações do homem com o meio ambiente, que aparece dissolvido, criticado e analisado ao longo de uma produção intelectual que durou mais de seis décadas de modo ininterrupto em livros e em crônicas publicadas semanalmente em jornais de São Luís do Maranhão. Dono de uma linguagem poética em que a rima e a metrificacão quase sempre regular disputam espaço com um modo irônico e ácido de tratar temas cotidianos, José Chagas é considerado por muitos estudiosos como um dos mais importantes poetas brasileiros do século XX.

O MEIO AMBIENTE NA PÓETICA DE JOSÉ CHAGAS

Durante a leitura da produção poética de José Chagas, é possível notar que em muitos momentos ele dirige suas preocupações às temáticas de cunho ambiental. Em diversos poemas, ele mesmo declara que isso é uma espécie de herança cultural recebida por parte do pai, que lhe ensinou “a gostar / deste ecológico mundo: / da água, da luz, do ar, /do solo rico e fecundo” (CHAGAS, 1994, 10) e que sempre “amava o campo e nele abria / covas para plantar sonho e semente” (CHAGAS, 2002, 118). José Chagas tem consciência de que cuidar do ecossistema é um dever do ser humano. Ele chama atenção para o fato de

ser a espécie humana a que tem racionalidade suficiente para perceber as mudanças pelas quais passa o planeta, embora nem sempre essa racionalidade seja usada de forma coerente, pois o homem acaba por destruir a principal fonte de sua própria existência.

A consciência de uma ecologia
é só o homem que tem, o bicho não,
mas tem o homem também a forma fria
de raciocinar contra a razão. (CHAGAS, 2002, 109)

Ao longo de seus livros, o poeta aproveita seus versos para discutir alguns temas que levam à reflexão sobre atitudes humanas que prejudicam o ambiente e que podem levar a problemas em um futuro bem próximo, como é o caso da poluição. O próprio poeta lembra que considera falar sobre o meio ambiente em sua obra. Segundo ele: “Eu sempre trouxe em mim uma necessidade profunda de falar sobre as grandezas e as misérias do campo” (CHAGAS, 2002, 30). Um dos grandes problemas enfrentados pelo homem desde os tempos da primeira Revolução Industrial é o fato de ter que conviver diariamente com uma atmosfera poluída. O alto índice de industrialização e a necessidade de produzir cada vez mais bens de consumo que precisam ser repostos à medida que os objetos usados ficam obsoletos e/ou perdem sua utilidade momentânea. Os refugos criados pela indústria são lançados na atmosfera, nos rios ou no solo contaminando o meio ambiente e trazendo diversas consequências tanto para a natureza quanto para as pessoas, que também são parte integrante do ambiente. Sobre isso, o poeta alerta que:

Indústria poluindo lago e rio,
chaminés maculando o azul celeste,
bombas pondo veneno no ar sadio,
como se o homem fosse a própria peste,
lançando à natureza um desafio (...) (CHAGAS, 2002, 111)

A relação entre a poluição, o progresso e a sustentabilidade é suscitada pelo entendimento de que da mesma chaminé da qual emanam os sinais de progresso saem também as provas de um atraso em forma de emissão de gases tóxicos que podem ser fatais a médio ou longo prazo para a humanidade como um todo.

O fumo do progresso e do atraso
da mesma chaminé escaparão;

para eles o próprio céu é raso,
só valendo na terra a produção
que a indústria nos fornece, a curto prazo,
porque a vida não dura muito não. (CHAGAS, 2002, 112)

A destruição das belezas naturais e a alteração da paisagem a bem de um progresso é outra crítica feita por José Chagas em sua obra. Exemplo disso é quando, em 1982, a inundação do chamado Salto de Sete Quedas, para a ativação da hidrelétrica de Itaipu, o poeta não se conteve e escreveu um longo poema publicado na primeira parte do livro *Águas do Silêncio*, escrito em outubro de 1982, porém publicado apenas cinco anos após o episódio que tirou do cenário brasileiro aquele que era considerado um dos mais belos cartões postais do mundo, é carregado de um tom de revolta e trata o evento como sendo “sete crimes praticados / contra a natureza vida” (CHAGAS, 1987, p. 24). No texto, o número sete torna-se um imperativo necessário para lembrar o nome com o qual foi batizado o local. Em setenta estrofes distribuídas em sete partes de dimensões irregulares, o poeta remete sempre ao número sete e a partir da repetição desse número, desenha poeticamente toda uma crítica social. O tom dos versos é de revolta e lembra que:

Agora dos sete saltos
não restam senão memórias
ou lembranças salteadas
que muito pouco demoram (CHAGAS, 1987, p.21).

Conforme vaticinou poeta paraibano, as lembranças do povo com relação à belezas naturais de Sete Quedas não ficariam na memória por muito tempo, por isso é preciso recordar que:

O Parque Nacional de Sete Quedas localizava-se no município de Guaíra (24° 4'S, 54° 11'W), no Estado do Paraná. Possuía área de 233ha, onde sua maior atração era o turismo, em virtude de sete grandes quedas d'água, de beleza exuberante, as quais dividiam-se em várias outras quedas menores que se estendiam ao longo do Rio Paraná, que cortava o Parque. (YANO e COLLETES, 2000, p. 2015)

Porém o olhar crítico e clínico de José Chagas não se dirige apenas à evidente mudança de paisagem que foi proporcionada pela inundação das cachoeiras. Ele remete também a questões imateriais como a história e a memória de um povo e às perdas ecossistêmicas que logicamente ocorreram antes, durante e até mesmo após o processo inundatório. Mesmo sem se ater à linguagem científica, o texto de Chagas acaba

dialogando com trabalhos como os de Yano e Colletes (2000), que estudam a de presença/ausências de briófitas na área pertencente ao Parque Nacional de Sete Quedas, e Ziober e Zenirato (2014, p. 59), que consideram que:

Dentre os vários eventos que contribuíram para o desaparecimento de espécies da flora e fauna na Mata Atlântica, a construção da Hidrelétrica de Itaipu adquire relevância. A formação de um reservatório de mil trezentos e cinquenta quilômetros quadrados, a eliminação de quedas d'água, saltos e corredeiras, assim como a inundação de florestas e áreas agrícolas, não deixam de ser eventos excepcionais do ponto de vista da intervenção humana na paisagem, cujos impactos ainda não foram suficientemente avaliados.

Ao longo de todo o texto, o poeta lembra que a destruição de Sete Quedas está relacionada com o afã de progresso que toma conta da humanidade moderna e que nem sempre está preocupada com os problemas ecossistêmicos que possam ser oriundos dessa repentina mudança no curso da natureza. No início da terceira parte do texto, é lembrado que:

O mundo abafou um eco
Vibrante da ecologia.
Com se fechasse um beco
Por onde a beleza vinha.

Por onde vinha a saúde
Da natureza liberta.
Com o viver por conteúdo
De sua líquida oferta. (CHAGAS, 1987, p.21).

No fragmento acima é possível perceber que não é apenas a questão estética a causa da indignação por parte do poeta, mas sim as outras implicações que advieram dessa intervenção antrópica, como, por exemplo, perda de elementos da biodiversidade e do uso da água para finalidades econômicas. As alterações na paisagem são parte do tema central também do livro *Poema da Lagoa*, no qual José Chagas comenta sobre o processo de criação e de urbanização da Lagoa da Jansen, que é considerado um dos principais pontos turísticos da capital maranhense, mas que se tornou também conhecida por exalar um desagradável odor que afasta moradores e turistas. No longo poema, há espaço para toda uma diversidade que habita, passeia ou depende do espaço da Lagoa. A fauna, a flora e os elementos humanos aparecem como dependentes de um sistema integrado no qual cada peça é o complemento da outra. É do ambiente que as plantas e os animais retiram os nutrientes que os mantêm vivos e também é dali que muitas pessoas tiram seu sustento

diário. O dia a dia dos entornos da Lagoa da Jansen é metaforicamente comparado a “uma grande roda-viva” (CHAGAS, 2004, p. 04) onde:

Com seu bom e mau odor,
a Lagoa tem de expor
o que nela é natureza,
e o belo que ali avulta
não se nega à lama oculta
de sua água represa. (CHAGAS, 2004, p. 13)

A diversidade de habitantes que permeia a Lagoa e a natural relação dos seres com o ambiente são lembradas pelo autor em diversos momentos do poema, demonstrando a necessidade de imbricação entre os seres e o ambiente, para que todos tenham suas necessidades satisfeitas em um modelo que lembra as noções de sustentabilidade.

A lagoa mata a sede
de bichos e acolhe a rede
de pesca, em sorte ou azar (CHAGAS, 2004, p. 34).
Um bem-te-vi que revoa,
Sempre saúda a Lagoa (CHAGAS, 2004, p. 40).
São áreas belas sadias,
que deram moradias
a cobras e jacarés (CHAGAS, 2004, p. 52).

Tudo isso sem esquecer-se de que o ser humano também faz parte da paisagem e que é necessário preservar o ambiente para as gerações futuras, sob o risco de destruição, “preservando o verde puro / daquilo que no futuro / seria um feio deserto” (CHAGAS, 2004, p. 60). Outro aspecto relacionado com o meio ambiente e que chama a atenção na poética chaguiana é a consciência de que é da terra que o homem retira todo o produto de sua existência, de sua sobrevivência e até mesmo do progresso tão almejado. Em seu livro *De lava e de Palavra*, ele acaba declarando que:

O que se come vem da terra bruta,
em forma de raiz, de folha ou grão
pois a força da terra é que executa
a batata, a verdura, o milho, o pão,
tudo o que dota o homem para a luta
de viver, que o viver nasce do chão. (CHAGAS, 2002, p. 78)

No entanto, ele não se esquece também dos conflitos de terra e da presença tanto do homem do campo que não tem acesso à terra para plantar e colher, como do latifundiário, que vê a terra apenas como mais uma fonte de lucro e de poder. O senso crítico do autor não esconde que:

Enquanto o chão não for de quem produz
e for de quem só é proprietário;
(...)
o camponês há de levar a cruz
com que nem chega vivo ao seu calvário. (CHAGAS, 2002, p. 58)

Sabedor de que “o camponês tem sua história / mas é uma história dura de narrar” (CHAGAS, 2002, p. 66). O poeta aproveita seus versos como arma de denúncia e parodia uma das mais famosas frases de Euclides da Cunha ao dizer que “o sertanejo é, antes de tudo um, forte, / mas é, depois de tudo, um homem fraco” (CHAGAS, 2002, 68). Contudo não é apenas à relação do homem com o campo que o autor de *Os Canhões do Silêncio* dirige suas críticas. O homem urbano em condição de vulnerabilidade também merece sua atenção. No livro *MaréMemória*, a integração homem-animal-natureza deixa de ser algo positivo dentro da relação ecossistêmica, perdendo parte de suas peculiaridades humanas, como nome e outro meio de identificação para se irmanar com os demais animais que vivem na lama, em uma condição análoga ao refugos humanos conceituados por Bauman (2005) como seres dispensáveis para a sociedade capitalista que não deseja esse tipo de pessoa por perto e por isso expulsa-a dos centros por conta de não ser ela mais um potencial consumidor e ainda poder atrapalhar o processo de consumo das demais pessoas. Então esse homem acaba sendo apresentado como:

Caranguejo que se irmana
com os bichos dos lamaçais,
na condição desumana
de caminhar para trás
(...)
Caranguejo ou peixe, o fato
É que o homem posto na lama
Não sabe seu nome exato
E também ninguém o chama (CHAGAS, 1973, p. 17).

Dessa forma, percebe-se que José Chagas inclui o ser humano como parte importante do meio ambiente e que precisa também ser preservado sob risco de extinção, tal qual ocorre com os demais elementos dessa intrincada e dinâmica cadeia ecossistêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há diversas formas de alertar as pessoas e as instituições para a problemática dos perigos ambientais que podem levar o planeta e sofrer um possível colapso por conta do mau uso dos recursos essenciais para a vida de todas as espécies de habitantes da terra. Há quem utilize a música, as artes plásticas, a fotografia, as ciências e muitas outras formas de sensibilizar os seres humanos para os perigos iminentes que correm por conta de um possível colapso de abastecimento de recursos essenciais à vida.

Alguns intelectuais, cientistas e estudiosos de diversas áreas do conhecimento humano, desde priscas eras, têm despertado para esse perigo e usam seus saberes em prol da coletividade. Embora nem sempre vista por esse ângulo, a literatura também pode servir como fonte de sensibilização de pessoas de todas as esferas sociais quanto à necessidade de preservação do meio ambiente para o uso de gerações futuras. Escritores como Monteiro Lobato, Coelho Neto e José Chagas, entre outros, contribuíram com seus trabalhos artísticos para levantar questionamentos acerca da necessidade de todos terem um olhar mais aguçado para com o ambiente e atentar para os danos que o planeta vem sofrendo ao longo de sua história.

Neste trabalho, foi estudada uma fração da produção poética do poeta José Chagas sob a perspectiva daquilo que ele traz em seus poemas e que pode servir como pontos de reflexão para as demandas ambientais. Questões como poluição, consumismo, produção de alimentos, uso da terra e condições subumanas de sobrevivência fazem parte do estro deste poeta que desde muito jovem se radicou no Maranhão e ali produziu grande parte de sua obra literária, que abarca principalmente poemas e crônicas. Neste estudo, porém, apenas a produção em verso do autor serviu como elemento motivador para o levantamento e questionamento dos itens acima expostos. Nota-se que José Chagas, embora seja mais conhecido por suas abordagens voltadas para o tempo e a cidade, também se dedicou a demonstrar que a poesia pode ser uma arma útil na luta pela preservação do planeta e da própria espécie humana.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. L. *Águas que educam: O pantanal e sua história na pintura sul-mato-grossense*. Campo Grande: UFMS, 2014.

ANGELINI, A.; PIZZUTO, P. *Manuale di ecologia: sostenibilità ed educazione ambientale*. Milano: Ed. Franco Angeli, 2015.

BRASIL, Constituição 1988. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, Senado Federal, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHAGAS, José. *Águas do Silêncio*. São Luís: SECMA, 1987.

_____. *Maré Memória*. São Luís: Edição do Autor, 1973.

_____. *Tabuada de Memória*. São Luís: Sotaque Norte, 1994.

_____. *De lavra e de palavra*. 2ª ed. São Luís: Sotaque Norte Editora, 2002.

_____. *Poema da Lagoa*. São Luís: Sotaque Norte, 2004.

CRUZ, Arlete Nogueira da. *A Atual Poesia do Maranhão*. Rio de Janeiro. S/N, 1976.

DIAS, Genebaldo Freire. *Educação ambiental: princípios e práticas*. 9ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Gaia, 2004.

DUARTE, S. M. Por quem fala o cronista. In: CHAGAS, J. *As armas e os barões assasinalados* São Luís: Sotaque Norte, 2000.

GUERRA, F. S.; JACOMINO, D. Y. *El fortalecimiento de la educación ambiental mediante talleres de apreciación-creación en el 4to grado de la Escuela Conrado Benitez. Revista Delos*, 2012. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/delos/15/sgyj.html>. Acesso em 04.06.2017.

LEANDRO, E. de O. (org.). *Coelho Neto e a ecologia no Brasil – 1898-1928*. Imperatriz: Ética Editora, 2002.

LEANDRO, Eulálio de Oliveira (org.). *Educação Ambiental no Pensamento de Coelho Neto*. Imperatriz: Ética, 2000.

LIMA, Félix Alberto; SANTOS NETO. *Manoel. Chagas em Pessoa*. São Luís: Fundação Municipal de Cultura, 2006.

MACHADO, Nauro. *Moinho e Lavra de uma Água Mental*. São Luís: SECMA, 1988.
_____. *Província: o Pó dos Pósteros*. São Luís: Edição do Autor, 2012.

MORAES, Jomar (org.). *Perfis Acadêmicos*. 5ª ed. São Luís: Edições AML, 2014.

OLIVEIRA, R. D. V. L de; QUEIROZ, G. R. P. C. Poesia ambiental de João Batista Melo: poeta popular/que tem muito a ensinar/veio do sertão ao Rio/pra sua cultura divulgar. In: *Revista Scientia Plena*, nº 7, 2013. Disponível em: <https://www.scientiaplena.org.br/sp/article/view/1523>. Acesso em 04.06.2017.

PÁDUA, José Augusto. Dois séculos de crítica ambiental no Brasil. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza, MIRANDA, Ary Carvalho de. (org.). *Saúde e ambiente sustentável*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

PATRIARCHA-GRACIOLLI, S. R.; ZANON, A. M. Reflexões acerca da literatura infantil e educação ambiental. In Revista Educação Ambiental em Ação. nº 60. 2017. Disponível em: <http://www.revistaead.org/artigo.php?idartigo=2739>, acesso em 15 de julho de 2017.

QUEIROZ, P. M. S. de. Cordel: um instrumento para a educação ambiental. Salvador: Universidade Católica de Salvador, 2012. (Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Ambiental). Disponível em: http://tede.ucsal.br/tde_arquivos/2/TDE-2013-04-24T092924Z-268/Publico/Paulo%20Marcio%20Santos%20de%20Queiroz.pdf. Aceso em 20 de agosto de 2017.

SENADO FEDERAL. *Educação ambiental*. Brasília: Coordenação de Edições Técnicas, 2015.

SILVA, M. A. da. *Imagens sonoras do ambiente: Interface entre ensino de música e educação ambiental*. São Luís: EdUfma, 2011.

SILVA, César; PRZYBYSZ, Leane Chamma Barbar. *Sistema de gestão ambiental*. Curitiba: intersaberes, 2014.

SOUSA, F. P. A; KAMENSKY, A. P. dos S. O.; FONTES, L; R. *Os poemas de Fritz Müller como fonte e inspiração para estudos em história de ciência e educação ambiental: linguagem e interdisciplinaridade*. In: *Revista de Ciência e Ensino: Construindo Interfaces*. V. 11, 2015. p. 130-158.

TAVARES, C. E. V. *O ambiente no mundo das letras para crianças*. Ponta Delgada: Universidade de Açores, 2010. (Dissertação de Mestrado em Educação Ambiental).

YANO, Olga; COLLETES, Austher G. Briófitas do Parque nacional de Sete Quedas. In: *Acta Botânica Brasileira*, 14(2). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/abb/v14n2/v14n2a09.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

ZIOBER, Beatriz Ramalho; ZANIRATO, Sílvia Helena. Ações para a salvaguarda da biodiversidade a construção da usina elétrica Itaipu Binacional. In: Ambiente e Sociedade. Vol XVII. São Paulo: 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v17n1/v17n1a05.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.